

**PARIS  
É PARA  
SEMPRE**

## *Prólogo*

### **Paris, 1944**

Eles estavam arrancando as estrelas. Dedos sujos, com unhas quebradas, incrustadas de terra, puxavam, despregavam e extirpavam. Quem diria que ainda tinham forças? Uma mulher mordida as linhas que mantinham a dela firme em sua jaqueta rasgada. Devia ter sido uma boa costureira no seu tempo. Os que conseguiam arrancar suas estrelas jogavam-nas no chão. Um homem cuspiu na dele. Quem diria que tinha saliva e força? A boca de Charlotte estava seca e fedida por causa da desidratação. Homens, mulheres e crianças pisoteavam os retalhos gastos de tecido, afundando-os na lama, estendendo um tapete de miséria manchada de amarelo sobre a área cercada de solo francês.

Charlotte agachou-se ao lado de Vivi e começou a puxar os pontos que prendiam a estrela da filha em sua blusa rosa suja. A lei determinara que apenas crianças a partir dos 6 anos tinham que usar a estrela, e Vivi tinha 4, mas a blusa tinha sido abandonada quando, num momento de desespero burocrático, outra criança fora acrescentada abruptamente a um transporte onde faltava uma pessoa para completar os mil corpos exigidos. Charlotte pegara a blusa antes que qualquer outro conseguisse fazê-lo – os pertences eram permitidos no campo, se eles ainda tivessem algum –, mas não tinha removido a estrela. Usar uma blusa com uma sombra escura de seis pontas, onde costumava haver uma estrela, mesmo que você tivesse apenas 4 anos, era arrumar confusão. Agora, Charlotte podia removê-la. Só depois de fazê-lo foi que se levantou e começou a arrancar a sua.

Pelo resto da vida, todas as vezes em que se sentou em um avião e escutou uma aeromoça sorridente avisar que, em situação de emergência, deveria colocar sua própria máscara de oxigênio antes de cuidar da criança que viajasse com ela, se lembraria dessa manhã e pensaria que as companhias aéreas agiam com lógica, mas não com o coração.

\*

Deparou-se com a cena em uma praça em Drancy, o subúrbio a dez quilômetros a nordeste da cidade, não o campo de detenção e deportação de judeus, comunistas, socialistas e outros inimigos do Reich. Se ela ainda não soubesse que ficar naquela área era mais seguro do que voltar para suas velhas paragens, os incidentes daquele dia a teriam convencido. Não tinha desejado assistir, mas também não conseguiu sair dali. Ficou cravada no lugar, hipnotizada pelo ódio, imobilizada pelo medo.

Eles haviam despido a mulher, deixando-a de sutiã e calcinha, restos acinzentados de dignidade ou modéstia, ou de uma decência pouco lembrada de tempos melhores. O sutiã estava rasgado no mamilo, impossível dizer se pela violência do momento ou por uma paixão antiga. Um velho com a barba manchada de tabaco estendeu a mão suja e beliscou a carne rosada. A multidão urrou de satisfação. Um rapaz empunhando um rifle usou-o para cutucar a mulher, primeiro de um lado, depois do outro, até ela começar a tropeçar nos saltos altos que ainda usava. Os sapatos tornavam sua nudez mais obscena. Conforme ela tropeçava, a multidão avistava uma mancha marrom nos fundilhos de sua calcinha rasgada. Novamente, era impossível dizer se aquilo era sinal de terror do momento ou desleixo antigo, mas as gozações ficaram mais altas. Elas abafaram o som do sino da igreja que tinha começado a tocar, e continuaram depois que o sino silenciou. Eram apenas 2 da tarde.

*Collabo*, uma mulher gritou no meio do povo, *collabo horizontale*,<sup>1</sup> outra gritou, e as mulheres da turba assumiram os gritos e passaram-nos à volta como teriam, sob outras circunstâncias, passado um bebê de mão em mão. Ambos os instintos eram primitivos e protetores, embora, nesse caso, em interesse próprio. Apenas as mais rígidas ou mais esquecidas

entre elas, as que nunca haviam dado um aceno de cabeça educado a um soldado aquartelado, ou pronunciado um *merci* para uma porta segura à sua passagem, não se colocariam no lugar daquela mulher encolhida de vergonha, enquanto seu cabelo ia ao chão em tufo ensebados. Seus dias de carne, ovos e xampu por baixo do pano tinham acabado havia muito tempo.

Charlotte pensou nas áreas do próprio couro cabeludo em que faltava cabelo, resultado da má nutrição. Tinha conseguido conviver com isso, mas quando os tufo do cabelo fino de bebê de Vivi começaram a sair em suas mãos, parou de escová-los, como se isso fosse servir para alguma coisa.

No grupo, as mulheres gritaram sua raiva, mas os homens, principalmente os homens calados, eram mais perigosos, e não apenas por brandirem seus rifles e empunharem tesouras de poda e navalhas. Os homens exalavam malícia sexual. Alguns deles apertavam as virilhas, enquanto insultavam, socavam e chutavam a mulher. Outros suavam, sorriam com malícia e limpavam o cuspe da boca com as costas das mãos, depois passavam a língua sobre os lábios, como se pudessem sentir o gosto da excitação. Seu país tinha sido vencido, eles haviam sido humilhados, mas infligir essa vingança, esse ato de justiça, essa mulher seminua manchada de sangue, lágrimas e fezes tornava-os homens novamente.

Dois garotos – não poderiam ter mais de 16, 17 anos – começaram a empurrar a mulher em direção a um caminhão estacionado num canto da praça, sua careca reluzindo ao sol da tarde, que se inclinava além do campanário da igreja. As três mulheres, uma quase nua, duas semivestidas, esparramadas na carroceria, não ergueram os olhos quando os meninos empurraram a recém-chegada para o meio delas.

Agora, a multidão fechava o círculo ao redor de outra mulher. Essa segurava um bebê. Seu vestido sujo de algodão pendia sem cinto, uma das mangas rasgada, mas ela ainda o vestia. Talvez a presença do bebê envergonhasse os homens, ou talvez só refreasse a voltagem sexual. Ela não aninhava o bebê junto a si, da maneira que uma mulher costuma segurar uma criança: segurava-o debaixo do braço, como um pacote.

Suas pernas pendiam soltas; a cabeça, sem apoio, caía de lado no pescoço frágil; os olhos estavam fechados e seu rostinho estava crispado contra o mundo.

Charlotte pegou Vivi, que estava agarrada à sua saia, no colo, e escondeu o rosto da filha em seu pescoço. Aquilo não era para ser visto por uma criança. Não era para ser testemunhado por ninguém.

Um dos homens, que parecia estar no comando, se é que se pudesse dizer que alguém estava no comando, agarrou a mulher pelo cabelo e puxou sua cabeça para trás. O som que ela soltou era mais um balido do que um grito. Charlotte esperou que o bebê começasse a chorar. Ele apenas contraiu mais o rosto.

O cabelo começou a cair no chão. Era mais comprido do que o da mulher que eles haviam deixado em roupas íntimas, e levou mais tempo. Talvez tenha sido isso que levou o homem da multidão a fazer aquilo. Estava ficando entediado. Enquanto o *tondeur* tosquiava a mulher, o homem investiu e desenhou uma suástica em sua testa. O público urrou de euforia.

Ainda choramingando, ainda agarrando o bebê silencioso, a mulher foi empurrada para o caminhão, e outra foi arrastada para o centro da praça. Segurando Vivi com mais força, Charlotte começou a abrir caminho em meio à turba. Embriagadas, agora de justiça e do vinho que uma mulher empreendedora e seu filho jovem tinham começado a vender, mas ainda não saciadas, as pessoas fizeram pressão contra ela, incitando-a a ficar, atormentando-a por sua falta de patriotismo. Ela colocou a mão atrás da cabeça de Vivi para protegê-la e continuou andando.

À beira da multidão, Berthe Bernheim, a mulher do campo cujos pontos haviam sido tão bem feitos que ela precisou arrancar a estrela com os dentes, deteve-a.

“Você não pode ir embora”, ela disse, apontando para um grupo de mulheres e um homem no canto da praça, esperando sua vez com o *tondeur*. “Não acabou.”

Charlotte sacudiu a cabeça. “Do jeito que a coisa vai, não acabará nunca”, ela disse, e seguiu em frente.

Berthe Bernheim ficou parada, vendo-a ir embora. “Uma santinha aquela ali”, observou, para ninguém em particular.

## *Um*

**Nova York, 1954**

Charlotte avistou a carta assim que entrou em seu escritório. Não havia motivo para ela ter chamado sua atenção. A mesa estava forrada de papéis e envelopes. Pilhas de manuscritos e livros enchiam as prateleiras do pequeno cubículo e se espalhavam pelas duas cadeiras. Com certeza, o envelope via aérea não se sobressaía. A maioria dos livros que ela publicava eram edições americanas de livros europeus, e uma boa quantidade de correspondência chegava naqueles envelopes azuis de papel fino. A única explicação para aquilo ter chamado sua atenção era ela já ter verificado o correio da manhã, e a remessa da tarde ainda não haver chegado. Talvez, por engano, a carta tivesse ido para outro editor, e ele ou ela a tivesse deixado na mesa de Charlotte, enquanto ela estava no andar de cima, no departamento de arte. Ou talvez o departamento de expedição a tivesse esquecido na triagem matinal.

A Gibbon & Field era uma editora de prestígio, mas havia certa indolência à espreita nos bastidores. Esse era o defeito de Horace Field, o diretor. Era indulgente demais, ou talvez apenas de uma esperteza manipuladora. Charlotte teve o primeiro indício desse seu traço no primeiro Natal em que trabalhava na casa. Ao deixarem o escritório ao mesmo tempo, numa tarde, ela e Horace entraram juntos no elevador e deram com um rapaz da produção lutando para equilibrar dois ou três livros de arte enormes e vários outros com um formato mais convencional. Ao ver Horace, ele corou de um jeito desconfortável.

“Estou vendo que você levou nosso anúncio a sério, Seth”, Horace disse. “Tem um livro para cada um em sua lista de Natal.”

O rapaz ficou ainda mais vermelho e disparou para fora do elevador assim que as portas se abriram. Aquilo era incomum. Normalmente, a equipe esperava Horace entrar e sair do elevador e de todos os outros lugares.

“Você vai descontar os livros do salário dele?”, Charlotte perguntou enquanto eles atravessavam o hall de entrada atrás do rapaz.

“Nem pensar.”

“Isso lhe daria uma lição.”

“A única lição que eu quero que ele aprenda, Charlie, é a dar duro para a maior glória da G&F.”

“E você acha que encorajá-lo a sair porta afora, carregado de livros furtados, fará isso?”

“Acho que da próxima vez em que ele pedir um aumento e não ganhar, vai se lembrar dos livros que furtou e se sentir culpado ou, pelo menos, ressarcido. A mesma coisa acontece com as despesas superfaturadas que os editores e viajantes declaram. Eles acham que estão se safando, mas uma consciência pesada fomenta o remorso. Talvez até a lealdade. Eles sentem que devem algo à casa, como retribuição. É por isso que me preocupo com você. Aqueles relatórios de despesas que você preenche são uma tragédia. Se os outros editores souberem disso, nunca te perdoarão por estragar o esquema.”

A filosofia de Horace permeava toda a editora, desde o vultoso roubo do departamento de produção, dirigido por um homem que diziam ter ligações com a Máfia, até o furto insignificante e a preguiça geral da sala de expedição. Devia ter sido por isso que a carta fora entregue com atraso. E o único motivo de ela tê-la notado foi o horário. Não tinha nada a ver com um sexto sentido, no qual, com certeza, não acreditava.

Charlotte sentou-se atrás da mesa e pegou o envelope. Seu nome e o endereço da G&F estavam escritos à mão, não datilografados. A caligrafia não era conhecida. Não havia endereço de remetente no canto superior esquerdo. Virou o envelope. Assim que viu o nome, entendeu por que não tinha reconhecido a caligrafia. Quando é que eles tinham colocado alguma coisa por escrito? Não, isso não era verdade. Ele havia lhe escrito uma vez, cerca de um ano depois que a guerra acabou. A carta

tinha vagado meses, passando pelos registros de Drancy e por várias agências até chegar a Nova York. Charlotte havia se consolado com aquilo. Ele não sabia onde ela estava, e continuava na Alemanha. Nunca respondeu àquela carta. O endereço de remetente desta era Bogotá, Colômbia. Então, ele tinha finalmente ido embora. Ela ficou feliz. Também ficou aliviada. A América do Sul ainda ficava bem longe.

O que a perturbou não era onde ele estava, mas que agora ele soubesse onde ela estava. Achava que tinha sido muito cautelosa. Na lista telefônica não constava seu endereço nem seu número de telefone. As pessoas que a haviam ajudado a se instalar na nova vida – assistentes sociais e humanitários de várias organizações de refugiados; seus colegas ali e em outras editoras; a esposa de Horace Field, Hannah – tinham achado a omissão tola e antissocial. “Como você espera construir uma nova vida em um país novo, se ninguém consegue te achar?”. Hannah perguntara. Charlotte não havia argumentado com ela. Simplesmente continuou pagando a pequena taxa para permanecer fora da lista. Aos poucos, Hannah e todos os demais pararam de perguntar e creditaram o fato ao que ela havia passado. Ninguém, incluindo Hannah, sabia o que fora aquilo, mas isso não os impedia de especular.

Não era muito fácil achá-la no escritório, embora aparentemente ele tivesse conseguido. Seu nome não aparecia na lista de editores disposta no lado esquerdo do papel timbrado da empresa. A maioria das editoras não listava os editores no papel timbrado, mas essa era outra das indulgências peculiares de Horace Field. Um ano depois de ela ter ido trabalhar na G&F, ele perguntara se ela queria ser incluída.

“Pense nisso como uma propina”, ele dissera.

“Propina?” Ela falava quatro línguas, podia ler em mais duas e tinha se formado na Sorbonne em Literatura Inglesa, mas naquele tempo continuava pensando com algumas gírias americanas.

“Uma compensação pelo salário de fome que te pagamos.”

“Pelo menos, você não insinuou que eu completava a diferença roubando livros”, ela tinha dito, acrescentando que não queria seu nome no papel timbrado, mas mesmo assim agradecia.

No entanto, apesar da ausência na lista telefônica e no papel timbrado da empresa, seu nome aparecia ocasionalmente nos agradecimentos de livros em que havia trabalhado. *E agradeço a Charlotte Foret por conduzir minha nave em segurança pelas águas turbulentas do mundo editorial americano. Meus sinceros agradecimentos a Charlotte Foret, a primeira a ver que um livro sobre a Idade de Ouro Holandesa, escrito por um holandês, interessaria ao público americano.* A questão era como ele havia conseguido ter em mãos uma edição americana na Europa ou, agora, na América do Sul. Os diversos consulados tinham bibliotecas para espalhar a palavra americana entre as populações locais, mas os livros publicados por ela raramente espalhavam a palavra americana. Mesmo assim, ele devia ter encontrado um. Ou a teria rastreado por meio de uma agência de refugiados. Chegando à América, ela havia se distanciado dos grupos de *émigrés* ou imigrantes, ou refugiados – escolha o termo – mas teve que preencher os papéis costumeiros e obter os documentos necessários para chegar lá. Era rastreável.

Ficou parada, olhando para o envelope. Não era registrado. Não havia prova de que o tivesse recebido. Mesmo que houvesse, não havia lei que dissesse que ela precisava responder a toda carta que recebesse. Ela se esforçava por responder àquelas que acompanhavam manuscritos de candidatos a escritor, mas tinha um padrão para isso. *Embora sua tese seja convincente, temo que o assunto em questão não se encaixe em nosso catálogo. Embora o livro seja muito bem escrito, temo que os personagens não estejam bem construídos/a trama não é verossímil/não existe um público americano para esse tipo de história.* Mas ela não tinha uma carta-modelo para aquela situação, qualquer que fosse ela. Lembranças? Tanto quanto ela, ele não iria querer se lembrar daqueles dias. Amor? Mesmo então, ela tinha dito intimamente para não ser ridícula. Dinheiro? Com a naturalização, no ano anterior, ela era americana, e todo aquele que não fosse americano sabia que quem o era, deveria ser rico, mas de todas as acusações que ela fizera contra ele, aquela era a menos provável.

Charlotte ouviu som de vozes no corredor e sentiu cheiro de fumo de cachimbo flutuando por sobre o vidro fosco. O cachimbo pertencia a Carl Covington, homem levemente afeminado, com uma juba branca

que deixava um pouquinho comprida demais. Carl pretendia ser um patriarca importante do mundo editorial, mas era difícil ser um patriarca importante do mundo editorial quando a casa para a qual você trabalhava pertencia a um prodígio ligeiramente envelhecido do mundo editorial. As vozes pertenciam a Faith Silver, cuja pretensão à fama era uma breve amizade com Dorothy Parker quando as duas estavam no auge, e Bill Quarrels, um rapaz arrogante, avantajado, com um corpo brutal e grande e cabeça de adolescente. Segundo uma das secretárias que pegava o trem com Bill na mesma cidade de Westchester, toda manhã, ao descer na estação Grand Central, ele punha a mão no bolso e tirava a aliança, e toda tarde, ao pegar o trem para casa, enfiava-a de volta. Os três estavam a caminho da reunião editorial de quarta-feira.

Faith enfiou a cabeça com seu cabelo escuro e curto, penteado *à la* Dorothy Parker, na divisória do cubículo. “É hora de arregaçar as mangas para o combate”, disse.

Charlotte levantou os olhos do envelope azul claro. Como se tivesse vontade própria, ele caiu no cesto de lixo. Ela se levantou. “Chego em um minuto.”

As vozes seguiram pelo corredor.

Ela começou a juntar papéis, depois pensou melhor, abriu a última gaveta da mesa, pegou sua bolsa e tirou o pó compacto e o batom. Julgava importante comparecer a essas reuniões muito bem preparada.

Ao levantar a esponjinha do pó e começar o retoque, aproximou o espelho do pó compacto para examinar a pele. A textura fina de porcelana que a envaidecera quando menina agora estava mais grosseira, mas pelo menos o aspecto amarelo doentio daqueles anos havia sumido. Alisou a mecha branca que corria pelo cabelo escuro. Ocasionalmente, pensava em tingi-la, mas por algum motivo nunca chegou a fazer isso. Não estava presa a ela como um lembrete, só gostava do efeito dramático. Com a ponta dos dedos, massageou a teia de linhas finas debaixo dos olhos, como se com isso pudesse fazê-las desaparecer, embora soubesse ser impossível. Talvez não fosse nem desejável. Algumas semanas antes, uma vendedora ousada do departamento de cosméticos

da Saks da 5ª Avenida havia tentado lhe vender um creme para se livrar delas. “Apagará seu passado”, tinha dito.

A promessa tinha um apelo tão aterrorizante que ela largou o batom Helena Rubinstein que estava prestes a comprar, virou as costas e saiu da loja. Só um idiota tentaria apagar o passado. A única esperança era montar guarda contra ele.

Mesmo agora, em seus sonhos, escutava Vivi chorando, não os choramingos e soluços infantis de um desconforto passageiro, mas uma raiva histérica resultante de uma barriga vazia e ossos enregelados, da agonia das erupções cutâneas, picadas e feridas purulentas. Às vezes, o choro no sonho era tão alto que a despertava com um sobressalto, e ela pulava da cama antes de perceber que o som estava apenas em sua cabeça. Depois, ainda suando, atravessava o curto corredor que ia do seu quarto ao quarto da filha e ficava ao lado de sua cama, escutando a respiração tranquila e segura de Vivi na milagrosa noite de Nova York, que não era atravessada por botas na escada ou batidas na porta, mas apenas pela sirene ocasional gritando que a ajuda, e não o transtorno, estava a caminho.

As horas em que estava acordada traziam pesadelos diferentes em relação à filha. Toda tosse era o primeiro sinal de tuberculose, todo estômago enjoado, o prenúncio de um vírus que estivera dormente, toda coceira, a volta de infecção. O conhecimento de que naqueles dias havia penicilina para tratá-la não diminuía o terror. Não tinha como Vivi escapar sem consequências. Seu pequeno corpo de 14 anos tinha que conter um desastre dormente.

Sentada na plateia das apresentações escolares, ela comparava Vivi com as outras meninas. Seria ela a mais fraca da ninhada? Seus ossos estariam permanentemente deformados pela má nutrição? O medo e o remorso da mãe teriam deixado marcas em sua psique? Mas, parada ao lado das colegas com sua blusa branca engomada e o pulôver azul, Vivi não demonstrava ter passado por sofrimentos. Seu cabelo brilhava, escuro e sedoso, com o reflexo das luzes do alto, as pernas esticavam-se longas e inquietas nas meias 3/4 azul-marinho, seu sorriso aberto revelava um aspecto radiante e dentes de uma brancura improvável. Todas as horas

que Charlotte havia passado na fila por comida, todo bocado que não tinha comido para que Vivi pudesse se alimentar, todo risco que tinha corrido, até as concessões que havia feito tinham valido a pena. Vivi parecia exatamente igual às colegas, só que melhor.

No entanto, algumas diferenças a destacavam. Ela era a única com bolsa de estudos em sua classe de doze alunas, havendo apenas uma bolsista em cada classe. As outras meninas moravam em apartamentos amplos, duplex e coberturas nas avenidas Park e 5<sup>a</sup>, com pais, irmãos, cachorros e empregados. Vivi morava com a mãe num apartamento pequeno, de quatro cômodos, no último andar de um velho casarão estilo *brownstone* (na América, um prédio de 70 anos era considerado velho), na East 91<sup>st</sup> Street. No Natal, as outras meninas iam para a casa dos avós, que moravam em paisagens dignas de Currier e Ives, ou esquiar ao norte ou a oeste, tomar sol no sul. Vivi e a mãe levavam uma arvorezinha para casa, comprada em uma banca na 96<sup>th</sup> Street, colocavam-na em um canto da sala de visitas e a decoravam com enfeites comprados na B. Altman no primeiro ano em que estavam ali, e que eram acrescentados anualmente. Os enfeites eram novos, mas a árvore, Charlotte insistia, era uma tradição. Sua família sempre celebrara o Natal. Tinha sido preciso Hitler, ela gostava de dizer, para torná-la judia. Isso era outra coisa que diferenciava Vivi. Havia menos judias na escola do que alunas com bolsas de estudos. Nenhum desses aspectos jamais era mencionado, pelo menos em companhia educada, como dizem.

O fato é que, apesar dessas privações e desvantagens, Vivi florescia. Justamente na noite anterior, sentada na sala de visitas, Charlotte havia erguido os olhos do manuscrito que estava lendo e viu Vivi na sala de jantar fazendo sua lição de casa. Havia uma escrivaninha em seu quarto, mas ela gostava de ficar perto da mãe. Os especialistas que Charlotte lia diziam que logo aquilo acabaria, mas ela não acreditava. Os especialistas lidavam com generalizações, ela e Vivi eram singulares. Vivi estava sentada, com um pé calçado com seu oxford marrom do uniforme enfiado debaixo dela, uma cortina sedosa de cabelos escuros caindo para a frente, enquanto ela se inclinava sobre o livro, os lábios apertados, em concentração. Olhando para ela do outro lado da sala, Charlotte mal

conseguiu refrear um grito de alegria pelo absoluto milagre que era aquilo.

Guardou a bolsa na gaveta, deixou o cubículo e seguiu pelo corredor até a sala de reuniões.

Horace Field já estava em seu lugar, na cabeceira da longa mesa. Era sempre o primeiro a chegar às reuniões. Em parte, isso era resultado de sua impaciência, mas apenas em parte. Estava recostado no encosto da cadeira, mas a pose relaxada e o folgado paletó Harris de *tweed* não conseguiam esconder a força latente dos ombros e braços musculosos. Às vezes Charlotte especulava se ele ainda se via como o rapaz esguio e saltitante, o antigo tenista da faculdade que ela tinha visto numa fotografia em um velho número do *Publishers Weekly* anterior à guerra. Na foto, ele usava um bigode aparado, e enquanto estava em sua mesa, analisando-a, ela teve certeza de que ele deixara crescer o bigode para parecer mais velho. Na época, tinha estado com ele uma vez, brevemente, mas ela mesma era jovem demais para perceber o quanto ele era jovem. Ele de fato tinha sido um prodígio. Agora, não havia mais bigode, e começavam a surgir entradas em seu cabelo. Charlotte notara que, quando Carl Covington olhava para ele, não conseguia deixar de afagar a própria cabeleira branca. Horace também devia ter notado isso, porque uma vez brigou com Carl para parar de ficar se acariciando como um maldito cachorro. O rosto de Horace, independentemente das entradas, ainda era o de um garotão, a não ser ocasionalmente, quando não sabia que estava sendo observado. Então, linhas de expressão... não, linhas de fúria apareciam entre seus olhos, que eram azul-claros e alertas. Ninguém iria enganá-lo.

“Gentileza sua juntar-se a nós, *General*”, ele disse, usando a pronúncia francesa do título, quando ela pegou uma cadeira. Em particular, ela era Charlie; na frente dos outros, era Charles ou General, ambas pronunciadas com sotaque francês. Ela preferia que não fossem. Os apelidos, mesmo os formais, sugeriam uma intimidade que não existia. Ele tinha sido generoso com ela, e era agradecida, mas generosidade e gratidão não significam intimidade. Em sua opinião, eles precisavam do relacionamento oposto. Especialmente com ele. O rapaz daquela velha

fotografia tinha sido famoso por ser, se não um ganhão, pelo menos um perigoso conquistador, embora ela tivesse toda a certeza de que aqueles dias eram coisa do passado.

Os outros editores já estavam sentados ao redor da mesa, inquietos como cavalos de corrida esperando a largada, bufando mentalmente e escavando o chão na ansiedade de se destacar do bando com um best-seller infalível ou, pelo menos, com uma tirada invejável em sua própria apresentação, ou uma gozação divertida na apresentação de um colega. Começaram.

Carl Covington tinha uma biografia de Lincoln escrita por um erudito influente.

“Outra não”, disse Bill Quarrels.

“A regra de uma década”, Carl respondeu. “Se não houver uma biografia em dez anos, está na hora de uma nova. E livros sobre Lincoln vendem.”

Walter Price, gerente de vendas, concordou com a cabeça. “Livros sobre Lincoln vendem. E também livros sobre médicos e livros sobre cachorros. Então, o que eu não entendo é por que nenhum de vocês, gênios, conseguiu achar um livro sobre o cachorro do médico de Lincoln que eu possa vender.”

A discussão voltou-se para os números de vendas anteriores do autor, a quantia provável para os direitos em brochura (novo fenômeno a partir da guerra), e o mínimo que o agente aceitaria. Horace não falou muito, mas fez um gesto eloquente de cabeça ao final da discussão. Carl disse que faria uma oferta.

Bill Quarrels tinha um romance escrito por um fuzileiro naval que combatera no Pacífico.

“Espere, deixe-me adivinhar”, Carl disse, “o nome do autor é James Jones”.

“O mercado de livros de guerra chegou ao máximo”, Walter avisou.

Ele e Carl eram velhos demais na época da guerra, Bill, jovem demais. Nenhum deles olhou para Horace, enquanto falava.

Seguiram para Faith. Ela propunha um romance de estreia sobre a vida em uma cidadezinha da Nova Inglaterra. Admitia ser discreto, mas

lindamente escrito, e eles não publicavam livros comerciais exatamente para poder se dar ao luxo de publicar pequenas joias literárias como aquela? Ninguém se preocupou em responder a essa pergunta em particular, embora Charlotte, que tinha lido o manuscrito, apoiasse a opinião literária de Faith. Horace balançou a cabeça, aprovando. Ninguém mencionou dinheiro. Não era preciso. Faith trabalhava nisso tempo bastante para saber que um adiantamento de direitos autorais adequado a um livro como aquele seria algumas centenas de dólares.

Charlotte apresentou um livro sobre a interação política, diplomática e artística na Itália renascentista. Aquilo também foi recebido em silêncio. Ela tinha o que equivalia a seu próprio pequeno feudo na G&F. Apenas Horace tinha interesse nos livros que ela trazia, a não ser que fossem romances estrangeiros com risco de serem banidos. Então, subitamente, todos queriam dar uma olhada. Mas esse último passou raspando com um aceno de aprovação. Novamente um adiantamento insignificante foi dado como certo.

Seguiram nessa toada durante a maior parte das duas horas. Os editores apresentavam livros, formavam conchavos, mudavam de lado. O processo lembrou a Charlotte os conclaves papais sobre os quais tinha lido. Só faltava a fumaça branca no final do encontro.

Tinha juntado seus papéis e estava se encaminhando para a porta quando Bill Quarrels a alcançou.

“Você teve chance de dar uma olhada naquele romance? Aquele sobre o espião americano lançado atrás do *front* na França, antes da invasão?”

“Você não recebeu meu memorando?”

“Você só disse que era muito inacreditavelmente sensual.”

“Eu disse que era sensualmente inacreditável. Qualquer espião que passasse tanto tempo entre os lençóis estaria morto 24 horas depois de descer de paraquedas dentro do campo de batalha. 48, se fosse do lado de fora.”

Ele inclinou o corpanzil em direção a ela. “Experiência própria?”

Charlotte estava em dúvida sobre se deveria responder, quando aconteceu. Parados na porta com as costas voltadas para a sala de reuniões, nenhum dos dois percebeu. Horace Field, impulsionando com

os braços colossais as rodas de sua cadeira, passou zunindo entre os dois. Por um fio de cabelo, ela não foi atingida, mas Horace rolou sobre o sapato de pele de cabra do pé direito de Bill Quarrels. Horace chegava cedo às reuniões, porque não gostava que as pessoas o vissem manobrando sua cadeira de rodas, mas isso não significava que não fosse hábil com ela.

“Ai!”, Bill gritou, pulando tarde demais para fora do caminho.

“Me desculpe, Bill”, Horace gritou de volta, acelerando pelo corredor.

\*

Charlotte não tinha se esquecido da carta jogada no cesto de lixo. De tempos em tempos, durante a reunião editorial, vira-se pensando nela. Não queria lê-la, mas sabia que leria. Não sabia muito bem por quê. Não podia apagar o passado, apesar da promessa feita pela mulher no departamento de maquiagem da Saks, mas não tinha intenção de se espojar nele. Ainda assim, não parecia certo não lê-la. Resolveu pegá-la de volta no cesto de lixo assim que voltasse para sua sala, mas não tinha imaginado encontrar Vincent Aiello, o chefe de produção, esperando em seu cubículo.

“Sabe aquele seu policial que se passa no Marrocos?”

Por um momento, Charlotte pensou que ele realmente poderia ter lido um dos livros cuja produção ele dirigia e queria lhe dizer que tinha gostado.

“Já estão costurados”, ele disse.

“Estão adiantados. Que bom!”

“Não tão bom. Está faltando a última página.”

“Isto é uma pegadinha, certo?”

Ele deu de ombros.

“É um policial, Vincent. Não que não seria um desastre se não fosse. Mas os leitores querem descobrir quem é o assassino.”

“Olhe pelo lado bom. Agora é um policial faça-você-mesmo. Poderíamos começar uma tendência totalmente nova.”

“Foi impressa toda a tiragem?”

“Até o último exemplar.”

“Isso vai sair do seu orçamento, não do meu.”

“Pro diabo com orçamentos. Estou pagando alguém para quebrar os joelhos do encadernador.”

Ele sorriu de lado, como que desafiando-a a acreditar nos rumores a seu respeito.

\*

Charlotte estava parada na Avenida Madison, esperando o ônibus e refletindo sobre a edição impressa do policial não solucionado, quando se lembrou da carta. Por um instante, pensou em voltar, depois olhou para o relógio e decidiu o contrário. Não se incomodava em deixar Vivi sozinha por algumas horas depois da escola – principalmente se Hannah Field tivesse terminado de ver os pacientes naquele dia e atraísse Vivi com seus bolos e biscoitos caseiros –, mas gostava de chegar em casa a tempo de fazer o jantar e comê-lo decentemente sentada.

Pegaria a carta assim que chegasse, de manhã. E se aquela fosse uma das noites em que a equipe de limpeza vinha esvaziar os cestos, tanto pior. Não que ela tivesse alguma intenção de responder. Na verdade, tanto melhor. A responsabilidade não seria dela.

## *Dois*

Ao anoitecer, Charlotte desceu do ônibus e caminhou pela 91<sup>st</sup> Street prestando atenção por onde pisava. A chuva tinha parado, mas um tapete de folhas molhadas deixava a calçada escorregadia. Jorrava luz das grandes janelas salientes e das claraboias minuciosamente trabalhadas das casas estilo *brownstone*, cintilando nas poças. De vez em quando ela parava e olhava aqueles cômodos tão iluminados. A vida que acontecia lá dentro intrigava-a. A aura de segurança a hipnotizava, embora soubesse que era uma miragem. Agora, ali parada, o leve aroma de lenha queimando deixou-a nostálgica, embora não pudesse dizer do quê. Com certeza não era do fedor acre de papéis queimando. Então se lembrou. O cheiro lembrava um fogo ardendo na lareira da casa de sua avó, em uma noite úmida em Concarneau. Ela e a mãe sempre quiseram ir para o sul nas férias de verão – uma das poucas questões em que ela e a mãe estavam fechadas contra o pai –, mas o pai era inflexível quanto a visitar sua própria mãe. Quanto mais Charlotte crescia, mais entediada e carrancuda ficava naquelas semanas na Bretanha, mas daria tudo para tê-las agora, para si mesma e para Vivi. Imaginava as duas caminhando pela longa rua ladeada de álamos, e via Vivi sair correndo à primeira visão do mar. Endireitou os ombros para afastar a imagem e recomeçou a andar.

Na metade do quarteirão, abriu o portão de ferro forjado e desceu três degraus. Uma rampa curta de cimento corria ao lado. Algumas pessoas diziam que Horace Field continuava morando em uma *brownstone* por pura perversidade. Se ele e Hannah tivessem se mudado para um prédio de apartamentos, ele poderia ter disparado da rua para o hall de entrada e para o elevador com facilidade. Outros insistiam que o fato de ele

permanecer na casa em que tinha crescido provava que não era o cínico que fingia ser. Charlotte tinha uma terceira explicação, embora nunca a tivesse mencionado a ninguém, nem mesmo a Horace, especialmente Horace. O porteiro e os ascensoristas, naqueles prédios de apartamentos, teriam se esfalfado tentando ajudar um homem numa cadeira de rodas, e não apenas pela gorjeta de Natal. Em geral, eles eram um grupo atencioso, pelo menos aparentemente, e muitos deles haviam estado na guerra. Horace não teria tolerado isso. A solicitude o teria deixado constrangido. A condescendência o deixaria furioso. Assim, ele havia construído a rampa para os degraus do lado de fora da *brownstone* e instalado um elevador do lado de dentro.

Charlotte fechou o portão atrás dela, atravessou o pátio de lajotas, viçoso de crisântemos laranja e amarelos que reluziam ao anoitecer, e abriu a porta de vidro e ferro forjado que dava para o vestíbulo.

Mais tarde, ao pensar sobre o incidente, culpou a carta que havia jogado no cesto de lixo. Não estava pensando nela naquele momento, mas ela deveria estar espreitando em seu inconsciente. Não havia outra explicação para sua alucinação.

Uma mulher estava parada com a mão na cabeça, os dedos apontando para a têmpora, como se fossem o cano de uma arma. Repentinamente, Charlotte viu-se de volta no corredor frio e úmido do prédio da Rua Vavin. Os olhos da concierge, duros e escuros como pedaços de carvão, acompanham-na, e a Vivi, pelo espaço sombrio. Assim que elas chegam à escada, a concierge, naquele velho prédio de apartamentos aonde sua memória a havia transportado, move o dedo na têmpora, como se puxasse um gatilho. “*Après les boches*”,<sup>2</sup> ela diz entredentes, e as palavras queimam como vapor.

Então, numa outra noite, e isso foi pouco antes da liberação, quando Charlotte está carregando Vivi no colo, a concierge sai da portaria para impedir sua passagem. Parada a apenas centímetros de distância, ergue a mão de pistola engatilhada, não para sua própria têmpora, mas para a testa de Vivi. “*Après les boches*”, murmura, como se estivesse cantando uma cantiga de ninar, e puxa o gatilho imaginário.

Charlotte agarrou a maçaneta e fechou os olhos. Ao abri-los, estava de volta ao pequeno vestíbulo elegante, com o chão de ladrilhos branco-e-pretos, olhando uma mulher que não era sua antiga concierge, mas devia ser uma das pacientes de Hannah Field ajustando o chapéu em frente ao espelho de moldura dourada. A mulher virou-se, fez um sinal com a cabeça para Charlotte, abriu a porta pesada que dava para fora e sumiu na noite.

Charlotte permaneceu no vestíbulo, suando repentinamente em sua capa, embora não tivesse se dado ao trabalho de colocar nela o forro mais quente naquela manhã. Detestou-se pelo medo, mas também detestou a mulher por trazê-lo de volta. *Après les boches*. A frase estava sempre ali à espera, nas profundezas sombrias e poluídas de seu inconsciente, só aguardando para vir à superfície. Essa e a outra expressão ainda mais arrepiante, mas ela não iria pensar nisso.

Começou a subir as escadas. Raramente usava o elevador. Sempre parecia uma invasão à privacidade de Horace e Hannah. Além disso, o costume americano de se mover para baixo em alguma coisa que não fossem as próprias pernas soava-lhe autoindulgente. E ela gostava do exercício. Estava feliz que a magreza tivesse sumido. Tinha lido em algum lugar que a parisiense média perdera vinte quilos durante a Ocupação. Mas ela não queria engordar demais.

Quando chegou ao primeiro patamar, ele pareceu escuro. Olhou para cima. Uma das lâmpadas na luminária do alto estava queimada. Isso não era comum. Hannah administrava a casa com mão de ferro. Olhou para o hall de entrada, lá embaixo. Estava envolto em sombras. E a mulher estava quase de costas, enquanto ajustava o chapéu. Qualquer um poderia tê-la confundido com outra pessoa.

\*

As duas estavam relaxando ao brilho do papel de parede amarelo com ramos brancos, escolhido por Hannah antes de elas se mudarem para lá. A maioria dos proprietários, Charlotte tinha se inteirado depois, teria jogado uma camada de tinta em um apartamento que estivesse sendo

preparado para um novo inquilino e pararia por aí, mas, como Hannah dizia com frequência desde que conhecera Charlotte e Vivi no navio naquela manhã, quase nove anos atrás, elas eram mais do que inquilinas. Horace conhecera o pai de Charlotte antes da guerra, e Hannah estava ansiosa por ter uma criança na casa. Assim, tinha posto papel de parede, além de pintar; levara Vivi para comprar cortinas e um tapete, e até substituíra a velha geladeira moribunda por um modelo novo. Charlotte não tinha percebido isso na época, mas agora sabia que o fato de Hannah conseguir pôr as mãos em um novo eletrodoméstico tão em seguida à guerra era uma prova da sua desenvoltura.

O padrão do papel de parede na sala onde Charlotte e Vivi agora relaxavam era chamado Inocência. Onde, a não ser na América, pensou Charlotte, as pessoas acreditariam que poderiam envolver um cômodo em *naïvité*? Mesmo assim, admirava o gosto de Hannah.

O espelho sobre a lareira era inclinado, então ela podia ver o reflexo das duas sentadas à mesinha, no ângulo entre a lareira e a porta vaivém da cozinha, ela de camisa e calça que tinha vestido para preparar o jantar, Vivi ainda de uniforme de escola. O papel de parede era tão ensolarado, a luz proveniente das arandelas da parede e dos abajures tão suave, que realmente parecia que elas estavam relaxando na luminosidade.

Então, Vivi falou: “Por que você não fala nunca sobre o meu pai?”.

“Por que você nunca fala sobre o meu pai?”, Charlotte corrigiu-a. Não estava ganhando tempo. Pelo menos, não era esse o único motivo.

“Por que você nunca fala sobre o meu pai?”, Vivi repetiu.

Não era uma pergunta nova. De tempos em tempos, Vivi perguntava sobre o pai que nunca conhecera. Mas aquela era a primeira vez que aquilo vinha como uma acusação. Ou será que Charlotte escutara assim somente por causa do encontro imaginário com a concierge, no vestíbulo?

“Eu falo sobre ele. Falo sobre ele o tempo todo. O que você quer saber?”

Ela deu de ombros. “Como ele era?”

Charlotte pensou por um momento. Agora não estava ganhando tempo, estava tentando se lembrar. Mas era como tentar recapturar a

sensação de um delírio febril depois que sua temperatura voltou ao normal. Depois que a temperatura mundial voltou ao normal. Às vezes ela se perguntava se eles teriam se casado se não tivesse havido a guerra, se ele não tivesse sido convocado, se eles não tivessem sentido a pressão do tempo, se não tivessem se visto como atores numa peça ou num filme trágico. Será que a pele dela ficaria tão quente sob o toque dele em tempos menos acalorados? Eles teriam conseguido se abraçar com ternura, e não com desespero? Ela não se arrependia de nada. Sentia-se agradecida pelo que tinham tido. E sem Laurent, ela não teria tido Vivi. Mas a assombrosa intensidade não era algo para se contar a uma criança.

“Ele tinha uma mente original”, ela disse, por fim.

“O que isso quer dizer?”

“Quer dizer que eu nunca me entediava com ele. Mais do que isso, eu ficava deslumbrada com ele. Ele via coisas que as outras pessoas não viam, fazia associações que os outros não faziam.” Assim era melhor. Ela estava pegando o jeito.

“O que mais?”

“Ele tinha um código moral bem calibrado.”

“Um o quê?”

“Um senso de certo e errado bem desenvolvido.”

“Ah.”

Estava na cara que não era isso que Vivi procurava.

“Ele ficaria orgulhoso de você.” Charlotte tentou de novo.

“Como você sabe?”

“Porque você é inteligente. Ele dava muita importância a isso. E bonita.” Vivi fez uma careta autodepreciativa. “Ele também dava muita importância a isso, pelo menos nas mulheres. E você também tem um código moral.”

“Tenho?”

“Você se preocupa com as pessoas. Tenta fazer a coisa certa.”

Vivi refletiu sobre isso por um momento. “Às vezes não tenho certeza do que seja a coisa certa.”

“Nisso, você está em boa companhia.”

“Mesmo quando a pessoa é adulta?”

*image  
not  
available*

Charlotte ficou olhando para a filha. “Eu também, querida, eu também.”

Ela queria, de fato queria. Chegou a pensar em tentar arrumar uma. Qual seria a dificuldade? Algumas cartas, alguns pedidos banais. Nem todos os apartamentos tinham sido tomados ou saqueados. Com certeza, algum amigo ou parente teria uma foto de Laurent. Ela só precisava escrever. Às vezes, pensava que era o mínimo que poderia fazer por Vivi. Às vezes, pensava que era a coisa mais idiota que poderia fazer por ela.

\*

Passava das 10 quando Charlotte ergueu os olhos do manuscrito que tinha apoiado nos joelhos e viu Vivi parada na entrada do quarto, seu pijama era um brilho pálido contra o fundo escuro do corredor.

“Pensei que você estivesse dormindo.”

Vivi deu os poucos passos para dentro do quarto e se sentou na beirada da cama. Charlotte moveu-se para abrir espaço para ela. Dormia numa cama de solteiro. O quarto não era grande, e não havia necessidade de nada mais confortável.

“Sabe o que você disse antes, sobre fazer a coisa certa?”, Vivi perguntou.

Charlotte esperou.

“E como, às vezes, é difícil saber o que é certo?”

“Tenho a sensação de que já não estamos falando de situações hipotéticas. Acho que estamos falando de você.”

Vivi concordou com a cabeça.

“Quer me contar sobre isso?”

“Eu estaria dedurando.”

“Da minha boca não sai nada.”

“E se você tivesse que escolher entre o que as regras dizem e uma coisa que sua melhor amiga fez?”

Charlotte decidiu que não era hora de citar E. M. Forster sobre a coragem de trair seu país e não seu amigo. “Você está falando da Alice?”

Vivi concordou com a cabeça.

*image  
not  
available*

o custo dos empregados domésticos, àquela altura teria sido vendida para um país estrangeiro para funcionar como consulado ou embaixada, ou transformada na ala de um museu. Com essas desoladoras perspectivas em mente, tinha decidido que, em vez de esperar, ofereceria à neta um baile enquanto ainda estava viva e saudável, e a imponente construção com seu salão de baile elevado ainda permanecia nas garras da família.

Charlotte não tinha certeza se concordava com bailes para meninas de 14 anos. A ideia continha mais que um sopro da faceta desagradável de Colette. Mas ela não era tola ou cruel o bastante para tentar impedir Vivi de ir a um, quando o restante da classe iria.

Vivi observou a mãe estudando a etiqueta com o preço.

“Se for muito caro, aposto que a tia Hannah me daria ele no Natal. Ela anda perguntando o que eu quero.”

Charlotte largou a etiqueta. “Não é caro demais, e não estamos precisando de caridade. Você tem razão, vamos exagerar.”

O sorriso que se abriu no rosto de Vivi com a maior facilidade desdobrou-se na série de meninas refletidas no espelho. Mais tarde, quando devolveu o vestido, Charlotte se lembraria daquele bando de Vivis eufóricas estendendo-se pela eternidade.

\*

Charlotte jamais teria sido enganada se ainda não estivesse se ressentindo daquele encontro absurdo com a paciente de Hannah, em frente ao espelho de moldura dourada, no vestíbulo. Àquela altura, deveria ter esquecido o incidente, mas ele a surpreendia em momentos estranhos e inesperados, como algum engraçadinho comum e brincalhão com um monte de truques desagradáveis na manga. Essa foi a única explicação para o acontecido no museu naquela tarde – não que de fato tivesse acontecido alguma coisa no museu naquela tarde.

Em dias passados, quando Vivi era pequena e elas estavam recentes em Nova York, passavam os dias vagando pelo zoológico ou pelo Museu de História Natural, de mãos dadas, surpreendendo-se com os brinquedos luxuosos a preços ultrajantes na FAO Schwarz e terminando na

*image  
not  
available*

disponível na Paris Ocupada. Pelo menos, nenhuma disponível para ninguém a não ser os Ocupantes e seus colaboradores. Os velhos tapetes indianos estão com ar de usados. Mas os painéis *art déco* esculpido em mogno ainda emolduram as divisões de prateleiras, e ela ainda tem, se não todos os livros que poderia querer, graças à censura nazista, mais do que jamais conseguirá ler. O fato é que o oficial que está folheando livros pode pegar o que quiser, e sabe disso.

Charlotte entra no cômodo dos fundos, tira Vivi do berço que forrou com um acolchoado, e começa a embalá-la junto ao ombro, tentando fazê-la esquecer as dores da fome. Simone saiu há mais de uma hora. Com frequência, as filas duram mais tempo. Ela e Simone revezam-se, uma fazendo fila para o que quer que esteja parcamente disponível naquele dia, a outra tomando conta da loja. A filha de Simone tem um cartão J1 que dá direito a rações extras para crianças entre 3 e 6 anos. Charlotte tem um cartão que permite que mães em fase de amamentação, ou aquelas que afirmam ainda estar amamentando – até mesmo o alemão mais competente não tenta verificar se o leite de uma mulher secou – vão para o começo da fila. O cartão dela é mais valioso do que o de Simone. Distribuição extra não tem qualquer significado, quando não resta nada para distribuir. Uma semana antes, duas mil pessoas fizeram fila para trezentas porções de coelho, ou pelo menos foi o que correu pela fila. As filas são fábricas de boatos. É difícil acreditar no que as pessoas dizem, impossível não acreditar.

Ela volta para a frente da loja, ainda sacudindo uma Vivi chorosa junto ao ombro. Ele está parado, com um livro na mão, ao lado do balcão de mogno onde fica a caixa registradora. Enquanto vai para trás da registradora, Charlotte mantém a cabeça baixa, recusando-se a olhar para ele. A mão livre dele entra em seu campo de visão. Tem os dedos longos e esguios. Ela se pergunta, sem grande interesse, se ele toca piano. A Alemanha nem sempre foi assim. Foi o país de Bach, Beethoven e Wagner, as pessoas se diziam, numa tentativa de se consolar quando as tropas entraram pela primeira vez. Mas acontece que Wagner, tocado em alto volume, é bom para abafar os gritos dos torturados, ou pelo menos é o que dizem. Nesses dias, a cidade é movida a rumores, como costumava

*image  
not  
available*

sua casa no Bugey, sob a proteção do velho amigo de Gertrude, Bernard Faÿ, famoso antissemita, indicado como diretor da *Bibliothèque Nationale*, depois que um judeu foi demitido do posto. Stein, uma judia, é outro exemplo de figura literária que jogou dos dois lados. Antes da guerra, disse a um jornal americano que Hitler merecia o Prêmio Nobel da Paz, mas sua admiração não impediu os censores de colocar seus livros na lista Otto. O pai de Charlotte rompera com Stein por causa da observação sobre Hitler, bem como seu apoio a Franco, embora este último não parecesse ter incomodado Picasso, amigo de Stein, que faz, talvez, o jogo duplo mais perigoso de todos. Dá dinheiro para a Resistência e é conhecido por abrigar fugitivos (ou, pelo menos, é o que dizem; ninguém sabe ao certo, e a maioria das pessoas não quer saber: quanto menos se sabe, mais seguro você está), mas recebe visitantes alemães em seu ateliê, enquanto instrui Françoise Gilot a segui-los por lá para ter certeza de que não plantem nada. Não obstante, os artistas plásticos vivem com mais tranquilidade sob o tacão nazista do que os escritores, cujas mensagens são mais explícitas.

Esse militar alemão, no entanto, parece menos perigoso. É sempre educado. Tenta se amoldar, tanto quanto um homem naquele odioso uniforme verde acinzentado possa se amoldar. Quase consegue. Os outros clientes começam a se acostumar com ele. Já não largam os livros que estão vendo e deixam a loja lentamente, quando ele chega. Até mesmo o professor idoso, demitido do liceu Condorcet por ser judeu, e que vem com frequência à loja para se sentar num canto, na cadeira de couro gasto, e ler os volumes que já não pode comprar, ignora-o. Mas também, nesses dias, o professor parece perceber cada vez menos; vive em um mundo criado pelas palavras nas páginas.

Um dia, quando ela está na caixa registradora, dá uma olhadinha no militar, parado com um livro na mão, os dedos da outra mão fazendo um tipo de exercício complicado como, ela notou, fazem com frequência, mas ele não está olhando o livro. Está com o olhar fixo no relógio na parede do fundo. Está acertado no horário francês. Os alemães haviam decretado que toda a França Ocupada deveria agora funcionar no horário alemão. Charlotte acerta-o no horário alemão. Simone fica

*image  
not  
available*

escutou uma mãe dizer a outra que Charlotte Foret tinha uma maneira de acender o cigarro e jogar fora o fósforo que lhe dizia para ir cuidar da sua vida. Sorte que ela não era uma fumante inveterada.

“A avó dela nem te conhece.”

“Ela sabe que sou judia. Eu sei o que você sempre diz, que você não era judia até Hitler te transformar em uma. Mas não é assim que as outras pessoas veem.”

“Até aqui?”

Vivi levantou os ombros magros, num gesto de pretensa despreocupação, mas que resultou numa aparência de derrota.

“Espero que o baile seja um fracasso. Espero que um dia antes nasça uma espinha bem grande no rosto de Eleanor.”

“E eu espero que a mãe dela apodreça naquele círculo do inferno reservado para os preconceituosos”, Charlotte disse.

Então era assim que eles te atingiam na América. Sem batidas policiais, sem campos de concentração, apenas uma crueldade insidiosa para com suas crianças.

\*

Vivi voltou ao assunto durante o jantar.

“E o meu pai?”

“O que tem o seu pai?”

“Ele precisou de Hitler para virar judeu?”

“Ele era tão religioso quanto eu.”

Vivi não fez nenhum comentário, mas sua expressão foi reveladora. Estava cética. Também estava desesperada para ter algo em que se agarrar. Tudo bem. Charlotte também queria que ela tivesse algo em que se agarrar. Mas não isso.

*image  
not  
available*

judeu se comporta ou se parece, Charlie?”

Ele a havia desmascarado, sem dúvida. “Só quis dizer que você nunca disse nada, nunca faz nada religioso.”

“Ao contrário de você, é o que está dizendo?”

“Não fui criada como judia. Não me julgo uma.”

“Não, você deixa isso para os outros. O que estou tentando dizer é que você é a única judia que eu já conheci que não é ligada nisso. Não, retiro o que disse. Seu pai também não era, mas também ele e eu só conversávamos sobre livros. Ele era um baita editor. Mas a maioria dos judeus, incluindo os do meio editorial que conheci no exterior, é obcecada com o tema. Até os judeus que estão tentando se fazer passar por não judeus, especialmente esses – o que, incidentalmente, não estou te acusando ou a seu pai de fazer –, estão sempre pensando nisso. Quem é e quem não é. Quem detesta a gente e quem finge não detestar. Quem tenta ignorar isso, quem anda com um cartaz anunciando isso e quem está procurando briga a respeito disso. Trata-se de uma tática de sobrevivência. E é universal. Pelo menos eu pensei que fosse até te conhecer. Você é a única judia que já conheci que é surda.”

“Você faz a paranoia soar como virtude.”

“Não é paranoia quando existe uma ameaça real. Imagino que você tenha ouvido falar em cotas. Fui contra elas quando estava em Harvard. Elas ainda existem. Você conhece a palavra ‘restrito’? Tenho uma foto de um hotel no Maine. ‘Proibido cachorros e judeus’, diz a placa do lado de fora. Isso foi antes da guerra. Hoje em dia é um pouco mais sutil. Se você não acredita em mim, tente alugar um apartamento em alguns prédios de Manhattan, ou comprar uma casa em partes de Connecticut, sem falar nos vários outros estados deste nosso grande país. Tenho um amigo que conseguiu, mas teve que ter seu advogado brigando por ele. Mesmo assim, olhe o lado bom. Aquela velha vaca antissemita está preparando Vivi para o mundo.”

“Coisa que você está sugerindo que eu não estou?”

Sua única resposta foi aquele frio olhar azul.

\*

*image  
not  
available*

Charlotte pousou a seção que estava lendo. “O fato de você não ter sido convidada não tem nada a ver com você, pessoalmente”, ela repetiu. “Só com aquela velha preconceituosa.”

“Eu sei disso. Mas isso me fez pensar em outra coisa.”

Charlotte esperou.

“Se eu sou judia, eu deveria ser judia.”

“Aparentemente, você é”, Charlotte disse depois de um tempo.

Vivi pensou nisso. “Eu gostaria de me lembrar mais do tempo em que estava no campo.”

“Fico feliz que não se lembre.”

“Não consigo nem visualizar o lugar.”

“Você era muito pequena. E só ficamos lá um tempinho, até ele ser libertado.”

“Como é que a gente se virou antes disso? Quero dizer, se eles estavam recolhendo os judeus, como é que não perceberam a gente todo esse tempo?”

“A gente tinha documentos falsos. Às vezes, a gente se escondia. Nem sempre os alemães eram tão eficientes como pensavam. Isso sem falar na polícia francesa. Em outras palavras, tivemos sorte.”

“É isso que a tia Hannah diz que os pacientes dela que sobreviveram contam. Eles também dizem que nunca sabiam em quem confiar. Um velho amigo poderia te entregar, ou um completo estranho poderia arriscar a vida para te salvar.”

“Acho que é verdade”, Charlotte disse.

“As pessoas que ajudaram a gente...”

“Vivi! É passado. Acabou.” Charlotte estendeu a seção de teatro que estava folheando. “Eu sei que você acha que *Peter Pan* é infantil...”

“Estou velha demais para ficar sentada na plateia gritando ‘Eu acredito’ para que alguma luz idiota no palco não se apague.”

“Anotado. Mas tem alguma outra coisa que você gostaria de ver no período de festas? *Fanny* pode ser divertido. A gente poderia ir numa matinê, ou mesmo à noite, no período sem aulas. Qualquer coisa que você queira ver, dentro do possível.”

“Uma igreja judaica.”

*image  
not  
available*

vida, e o que são capazes de fazer. Não são como vocês, franceses alquebrados e vencidos. E, aos poucos, a população começa a olhar. Algumas mulheres encaram, outras tentam desviar os olhos por raiva e medo, não daqueles corpos, mas delas mesmas. Os homens também olham, alguns com raiva, outros com inveja, e outros sorratamente, desejosos, famintos. E, aos poucos, a brincadeira transforma-se em horror. Até os que estão arriscando a vida para sabotá-los não estão livres do fascínio do sexo, perigo e morte, tudo misturado em um coquetel erótico e mortífero. Uma vez, agindo como mensageira em uma organização a que se filiou, Simone vê-se em um vagão de trem cheio de soldados alemães. Em vez de mudar de vagão, ela passa a viagem flertando com eles. Isso foi antes de ser baixado o decreto sobre as estrelas. “Não foi esperto da minha parte”, ela pergunta a Charlotte, quando volta, “me esconder às claras desse jeito?”. *Esperto sim, mas também tem alguma coisa mais*, Charlotte pensa, mas não diz. Ela mesma está muito absorvida em lutar contra o fascínio.

A primavera reaparece depois de outro inverno insuportavelmente gelado e sem aquecimento. A primavera é uma provocação da natureza perante a Ocupação alemã, agora prestes a iniciar seu terceiro ano. Na ausência de fumaças de escapamentos, a cidade recende a lilases. Na ausência de motores e buzinas, há uma sinfonia de passarinhos.

Num domingo, Charlotte coloca Vivi na cestinha de sua bicicleta e pedala até os jardins de Luxemburgo. Não está preocupada que os alemães tenham se apossado do Palácio Luxemburgo e estejam entrincheirados ao redor do parque. Ou melhor, que os alemães tenham dominado Paris. Está preocupada onde quer que vá. Mas o sol saiu depois de vários dias de chuva, e a sensação de calor, a primavera tênue, mas ainda assim suave em sua pele, deixa-a corajosa, ou pelo menos, inquieta.

Charlotte encosta a bicicleta em uma árvore e ela e Vivi instalam-se em um trecho de grama que começa a verdejar. Não vai ocupar um dos bancos onde cartazes avisam que judeus estão proibidos de sentar. Ela poderia escapar impune, mas a interdição é moralmente repugnante. Embora não seja corajosa como Simone, tem seus escrúpulos. E ela e

*image  
not  
available*

do suéter estavam abaixadas. Isto também era normal. Quando o tempo esquentava, e nem mesmo os ventiladores conseguiam refrescar a loja, ele tirava o suéter, mas mantinha as mangas da camisa abotoadas em torno dos pulsos.

Ele se aproximou enquanto ela estava parada segurando as lâmpadas em uma mão e o candelabro, mais pesado do que esperava, na outra. Ele tinha um rosto comprido e desanimado, mas seu sorriso, quando queria exibi-lo, era grande, aberto e branco. Era tão grande, aberto e branco, que não parecia lhe pertencer. Parecia uma dessas máscaras que ficam presas por um elástico atrás da cabeça.

“Então, o que vai ser, Miss Vivienne Foret”, ele devia saber seu sobrenome por causa do crediário, mas ela não sabia que ele conhecia seu primeiro nome, “as luzes de Natal ou a *menorah* de Chanukah?”

Era isso que o candelabro era. Ela devia ter percebido. Colocou-o de volta no balcão. “Eu só estava dando uma olhada nele”, disse, com culpa. “Minha mãe me mandou comprar as luzes.”

“Então, talvez neste ano você devesse fazer uma surpresa para sua mãe.”

Ela sacudiu a cabeça. “Minha mãe não acredita em religião.”

Ele olhou para as lâmpadas que ela segurava. “Então, o que você tem na mão?”

“Ela diz que o Natal é diferente. Não precisa ser religioso.”

“Mas o Chanukah precisa? Aqui é a América, terra da liberdade, casa dos corajosos. Vá em frente, leve os dois. Ninguém vai cobrar a mais.”

“O senhor é judeu?”, ela perguntou.

“Não está na cara?”

“Eu também sou.”

“Não é uma novidade.”

“Minha mãe diz que não sabia que era judia até Hitler torná-la uma.”

Ele deu de ombros. “Alguns de nós sabiam. Alguns de nós não eram tão espertos. No fim, não fez diferença.” Continuou olhando para ela. “Mas uma menina inteligente como você... você é curiosa, certo?”

“Bom...” Ela hesitou. “Imagino que se outras pessoas souberem que sou judia...”

*image  
not  
available*

impressionável demais. Mas o credenciamento pelo Instituto permitia que tratasse da mente das pessoas sem ter que lidar com seus corpos. Mesmo assim, o fato de ele caçoar do lugar fazia dela a adulta e dele a criança que a provocava.

Pelo menos, aquelas discussões no pátio tinham parado antes que Charlie se mudasse para lá. Ele detestaria expô-la a elas. Não, não estava preocupado em expô-la, estava preocupado em expor a si mesmo. Não que ele e Hannah tivessem que ir lá para fora para discutir. Provavelmente, Charlotte tinha entreouvido sua cota de discussões internas. Nunca disse nada. Ao contrário de Hannah, não acreditava no poder de cura da palavra falada. Ele e Charlie eram farinha do mesmo saco, sem dúvida, cautelosos, reservados, envergonhados, embora nem em sonhos ele soubesse do que ela tinha que se envergonhar. Não, isso também não era verdade. A sobrevivência nunca vem com a consciência tranquila.

Chegou ao fim do caminho, virou a cadeira, girou rapidamente no final do jardim e tornou a virar para a direita. Foi então que viu. Agarrou as rodas para parar o movimento, e ficou olhando para cima, para a janela do último andar. Chamas. Havia malditas chamas na janela. Pulavam e tremeluziam, queimando buracos na noite.

Suas mãos giraram as rodas para a frente. A cadeira disparou pelo caminho, pela porta dos fundos e pelo corredor até o elevador. Primeiro ele apertou o botão. A gaiola começou a descer pesadamente pelo cabo. Sacudia. Rosnava como um animal perigoso. Levou a vida toda.

Quando finalmente chegou, Horace puxou a porta externa e empurrou a porta da gaiola para abrir. O metal gritou em protesto. Ele entrou com tal força que seus joelhos murchos bateram no fundo da gaiola. Seu punho socou o botão do número 4. A porta interna deslizou e fechou. Quando o elevador começou a subir lentamente, ele girou a cadeira para ficar de frente para a porta. A subida foi um pesadelo em câmera lenta. Gradualmente foram passando o 1, depois o 2, o 3, até, finalmente, aparecer o 4. Horace forçou a porta da gaiola a se abrir até a metade, e começou a empurrar a porta externa, mas tinha sido impaciente demais. A grade emperrou ainda a meio caminho. A porta

*image  
not  
available*

Charlotte continuou ali parada. As acusações estavam aumentando, mas seu nome não foi mais mencionado. Subiu mais dois degraus.

“Não estou falando de sexo. Não me importaria com isso. Não mais.”

Ela tornou a parar. Não conseguia evitar. Não era como todos no escritório, imaginando, especulando, ele podia, ele não podia. Eles tinham um interesse lascivo. *E qual é o seu?*, uma voz disfarçada de sua consciência perguntou. Não tinha resposta para isso, ou melhor, tinha uma resposta, mas era ainda pior do que a lascívia. Era pessoal.

\*

“O que eu não entendo, pra início de conversa”, Charlotte disse, “é por que você estava acendendo velas.” Ela e Vivi estavam de pé na sala de visitas, uma de frente para a outra. Vivi tinha confessado assim que a mãe entrou.

Vivi deu de ombros.

“Isso não é uma resposta.”

“Só queria ver como ficava.”

“Como ficava o quê?”

“A *menorah* quando acesa.”

“As velas que você estava acendendo eram de uma *menorah*?”

“Só acendi por um minuto. Pelo menos, era o que eu ia fazer. Eu ia apagar mesmo que ele não tivesse subido aqui aos berros.”

“Que raios você estava fazendo com uma *menorah*?”

“O Mr. Rosenblum, da Goodman’s, me deu uma.”

“Aquele velhinho que trabalha na loja de ferragens te deu uma *menorah*?”

“Quando fui comprar as luzes pra árvore. Ele disse que a América era um país livre. Eu podia celebrar todas as festas que quisesse.”

“Desde quando o Mr. Rosenblum virou juiz do seu comportamento?”

“Não sei por que você está tão nervosa. É só uma espécie de castiçal. Mesmo sendo judaico.”

Ela ouve as explosões acontecendo. Sete. Sete sinagogas. É ela quem conta, ou fica sabendo do número pelos boatos? Na manhã seguinte, as

*image  
not  
available*

Ela ficou olhando enquanto Vivi atravessava a sala até a lareira. “Como é que acende?”

“Gire a lâmpada.”

Vivi girou a lâmpada de cima. Acendeu. Ficou olhando para ela por um momento, depois se virou para a mãe. “Onde você achou?”

“Nova York está cheia de *menorahs*. Mas esta veio do seu amigo, Mr. Rosenblum.”

“Mr. Rosenblum te deu outra *menorah*?”

Charlotte sorriu e sacudiu a cabeça. “Um presente de graça para uma família. Minha regra, não a dele. Eu comprei.”

“Você comprou uma *menorah*?”

Agora ela riu. “Gostaria que você parasse de repetir tudo que eu digo, como uma pergunta. Não é tão esquisito. Posso não acreditar numa religião formal, mas não sou pão-duro como o Scrooge, ou seja lá qual for seu equivalente judeu.”

Vivi virou-se novamente para a *menorah*, e girou a primeira lâmpada à direita. Acendeu.

“Acho que é no outro sentido”, Charlotte disse.

Vivi sacudiu a cabeça. “Foi o que eu pensei, mas Mr. Rosenblum disse que você acende da direita para a esquerda. Do jeito que se lê hebraico.”

“Eu não sabia disso.”

Vivi virou-se para a mãe. “Como você sempre diz, você poderia pôr o que sabe sobre ser judia na cabeça de um alfinete, e ainda haveria espaço para dois milhões de anjos.”

\*

A risada parou Charlotte na escada. Dessa vez, não poderia justificar o fato de ficar atenta à conversa por ouvir seu nome. Era pura curiosidade. Não, pura bisbilhotice. Queria saber do que Hannah e Horace estavam rindo. Não, isso também não era verdade. Queria pensar que estava enganada. Como é que eles poderiam estar rindo tão à vontade, com tanta intimidade, depois da discussão que ela entreouvira na outra noite? Mas podiam, e estavam.

*image  
not  
available*

por fofoca de trabalho e uma ingenuidade em relação ao mundo. Ela nem ao menos poderia culpá-la por esse último aspecto. Metade das pessoas afetadas estivera na ignorância ou em negação, pelo menos no início.

\*

É claro que o decreto não se aplica a judeus franceses, só a estrangeiros, eles insistem. É claro que não se refere a mim, um veterano condecorado na última guerra, um chefe de uma corporação importante, um dono de um salão ao qual metade dos generais alemães daria tudo para ser convidado, um ateu. Mas a promulgação é clara, ainda que as pessoas que insistem que o que está acontecendo não está se recusem a acreditar nela. Todos os judeus acima dos 6 anos são obrigados a usar uma estrela amarela de seis pontas, grande como a palma da mão de um adulto, circundada de preto, costurada – não alfinetada – com firmeza na roupa, no lado esquerdo do peito, e visível em todas as circunstâncias, com a palavra *JUIF* escrita sobre ela com letras pretas. É aí que surge outra questão, ou esperança de exceção. Para os judeus franceses, a palavra *juif* tem a conotação de imigrantes de outros países, especialmente do leste-europeu. Os cidadãos franceses de crença judaica, principalmente aqueles cujas famílias estão aqui por gerações, referem-se a si mesmos, quando chegam a se referir à filiação religiosa, como israelitas. Os alemães não fazem essa distinção. Um judeu é um judeu é um judeu, e como tal precisa ser arrebanhado nesse gueto psicológico de humilhação e vergonha, tão inescapável à sua maneira quanto os campos físicos criados com arame farpado, guardas e cachorros. Os judeus não mais poderão se disfarçar como franceses comuns, sejam homens, mulheres e até crianças. Precisam ser rotulados. É para o bem público.

No início, parece que o plano pode ser um tiro pela culatra. Alguns cidadãos gentios franceses começam a usar estrelas em branco ou com outras palavras impressas, tais como GOI ou LIBERDADE DE ESCOLHA. O protesto é leve, mas a punição para ele é rápida e séria, e como os gentios são detidos e presos, um menor número se arrisca a isso.

*image  
not  
available*

corpinho. Sua testa está quente, e provavelmente ela está com febre, mas Charlotte não pode ter certeza. Quando os alemães apropriaram-se do apartamento do seu sogro, onde ela estava morando, teve que deixar a maior parte dos seus pertences, inclusive o termômetro. De qualquer modo, não tem acesso a aspirina. Os medicamentos estão ainda mais reduzidos do que a comida.

Mas Simone é determinada. “Agora que mandei Sophie para minha mãe, não temos o cartão dela, e na última vez em que tentei usar o seu, não funcionou. Talvez eu consiga enganar os *boches*, mas nenhum francês vai acreditar que estou amamentando. Não com estes daqui.” Ela abre o suéter pesado, que não tirou desde que o tempo esfriou no começo de outubro, e exhibe os seios chatos debaixo do vestido. Os seios de Charlotte já não produzem leite, mas não estão tão chatos quanto os de Simone.

“Então, vou levar Vivi comigo.”

“Nessa chuva? Você quer que seja lá o que ela tenha vire pneumonia? Ela vai ficar bem comigo.”

Charlotte cede. Mais tarde, dirá consigo mesma que sua concordância não tem nada a ver com o fato de ser sábado e o oficial alemão frequentemente aparecer aos sábados. Não quer vê-lo. Nunca quis vê-lo, mas sua aversão aumentara desde o dia em que ele alegou falta de autoridade. Está zangada demais ou em conflito? Como é que alguém que lê filosofia, história e ficção, traz laranja para uma criança, deixa um velho ser arrastado sem motivo?

Ela pega a folha do cartão de racionamento, a sacola de corda e sai da loja. Seus sapatos altos de plataforma dificultam o andar. Se tivesse que recorrer a solas de madeira, deveria procurar sapatos baixos. Estes são absurdos, como os turbantes enormes que algumas mulheres começaram a usar para esconder cabelos sujos e sem estilo. A presença cada vez maior na cidade daqueles patéticos camundongos cinza, as alemãs com sua insistente deselegância em seus uniformes insípidos, servindo de enfermeiras, secretárias, datilógrafas, telefonistas e telegrafistas, aventurando-se a sair apenas aos pares, ou aos trios, como freiras, tornam as parisienses apenas mais determinadas a se agarrar a algum vestígio de

*image  
not  
available*

“Quando cheguei, a criança estava sozinha”, ele insiste. “Sua irmã deve ter saído por um momento.”

Ela começa a dizer que ela e Simone não são realmente irmãs, apenas se comportam assim, mas antes de dizê-lo, percebe o que aconteceu. Não, percebe o horror do que aconteceu. Simone não teria deixado Vivi sozinha, a não ser que fosse obrigada. Simone foi presa.

Ela vê a sombra passar pelo rosto dele quando chega à mesma conclusão. Agora ele está implicado. Agora é ele quem pode ser acusado. Os alemães, seu povo, levaram Simone embora.

“Você a prendeu”, ela diz meio gritando, meio chorando.

“Não prendi ninguém”, ele responde baixinho.

“Ah, sim, você não prende ninguém, não pode fazer nada, não tem autoridade.”

Em vez de responder, ele coloca dois dedos na testa de Vivi. “Ela está com febre. Tomei a liberdade de lhe dar meia aspirina.” Ele acena para a mala preta que continua ao lado da poltrona. “Sou médico”, repete para ela.

Ah, ele é mesmo inteligente. Não tem autoridade para salvar Simone, nem o velho professor, mas tem habilidade para curar sua filha, é o que está lhe dizendo.

Ela abre a boca, embora não saiba se é para lhe agradecer ou cuspir no seu rosto. Não faz nem uma coisa, nem outra. Apenas continua segurando Vivi e olhando para ele, enquanto ele tira o resto de comida da mala preta de médico, coloca-a sobre o balcão, vira-se e sai da loja. Vivi não se mexe com o som do sino sobre a porta.

\*

Quando ele volta no dia seguinte, pergunta sobre Vivi. Charlotte diz que ela está tirando uma soneca no depósito. “Obrigada”, acrescenta, antes de poder se conter. Ele sorri, e ela percebe que mais uma vez caiu na arapuca. Ele conseguiu que ela fosse educada. Mais do que educada, amistosa, grata, devedora.

*image  
not  
available*

Julian Bauer. Não coloca sua patente militar antes do nome. Nem ao menos diz *herr doctor*, embora mencione sua profissão e prática quando pergunta sobre Vivi, quando relata sobre Simone, quando pergunta sobre certos livros, em toda oportunidade que aparece. Ela entende a estratégia. Jurei, antes de tudo, não fazer o mal, está lhe dizendo. Você está na Wehrmacht, quer gritar de volta. A Wehrmacht matou meu marido. A Wehrmacht levou meu pai a se esconder. A Wehrmacht está ocupando o meu país. A Wehrmacht levou minha amiga. Não, ele dirá em resposta a essa última afirmação. Eram *gendarmes* franceses. Não tenho autoridade.

Ainda assim, ele começa a se dirigir a ela como se tivessem uma relação amistosa. *Bonjour, madame*, diz, *bonsoir, madame*, sempre com uma leve inclinação. Curiosa, essa reverência. Mesmo sendo um gesto discreto, consegue agitar o ar, e aquele cheiro militar particularmente alemão, de couro e limpeza, principalmente limpeza – ela está muito cansada de carne não lavada, cabelos sujos e roupas encardidas – é mais atordoante do que o perfume mais inebriante.

Então, um dia, enquanto ele tira da maleta preta outro pedaço de queijo, duas batatas e leite, sempre leite para Vivi, pergunta casualmente, como se os dois estivessem pensando na comida, coisa que ela está, onde está seu marido.

Ela não responde. De todos os assuntos que não falará com ele, Laurent é o primeiro da lista, principalmente a partir do momento em que começou a ter os sonhos. Noite após noite, Laurent volta para ela, mas a cada vez algo dá errado. Ele lhe diz que já não a ama. Acusa-a de infidelidade. Diz que Vivi não é sua filha.

“Ele está aqui?”, o militar pergunta.

Ela fica calada.

“Prisioneiro de guerra?”

Ela continua calada.

Quando ele se dá conta do acontecido, a loja silencia, a não ser pelo tique-taque do relógio, que ela acertou pelo horário alemão desde o dia em que ele reparou nele.

*image  
not  
available*

“O proprietário é um prisioneiro de guerra na Alemanha.” Pelo menos, ela espera que Monsieur de la Bruyère ainda seja um prisioneiro de guerra, não uma vítima de trabalhos forçados.

Ele continua encarando-a. “Você tem outro trabalho: *Eugenia: a ciência do aperfeiçoamento humano através de uma melhoria na reprodução?* Foi escrito por um americano, Charles Davenport. Até recentemente, os americanos estavam à frente de nós em esterilização e outras medidas de eugenia, mas, graças ao Führer, nós os alcançamos e passamos à frente deles.”

Ela lhe diz que eles também não têm esse livro.

“Você tem *Como reconhecer judeus?*”

“Não temos procura por isso.”

Ele franze o cenho ainda mais. “Você tem algum livro sobre eugenia?”

Ela sacode a cabeça. “Sinto muito, senhor. Não há procura.”

Agora, ele fica irritado. Acha que ela está caçoando dele, e talvez esteja. Não faria isso se ele estivesse usando um uniforme alemão, mas é apenas um francês cuja mente foi comprimida em uma camisa de força nazista.

“São obras de referência sobre o assunto. É fundamental que você as tenha”, ele diz, e continua com o olhar fixo nela, como se esperasse que ela as encomendasse enquanto ele espera. Charlotte vai até uma mesa de livros, e começa a arrumá-los. Ele continua de olho nela até que, por fim, coloca o chapéu, vira-se e sai da loja. A sineta faz muito barulho quando ele bate a porta ao sair. Ela o segue com o olhar e, quando se vira, vê que o oficial alemão continua segurando o livro, mas não olha para ele, olha para o homem.

O militar vem até onde ela está parada. “Você sabe quem é ele?”

Ela sacode a cabeça. “Não é um cliente habitual.”

“É o professor Georges Montandon, autor de um dos livros que pediu, *Como reconhecer judeus*. Segundo ele, é um especialista no assunto. Afirma que pode identificar um judeu à primeira vista.”

“Homem talentoso.”

“Ele diz que não é instinto, mas ciência.”

Ela quer perguntar se ele acredita nisso. É médico, como nunca deixa que ela esqueça, um homem da ciência, mas não pergunta. Diz consigo

*image  
not  
available*

“*O trapézio vermelho?* Eu ia te escrever um relatório hoje. Você percebe que existe um motivo para ele ter sido rejeitado por toda a cidade, não é?”

“Porque meus colegas editores são um bando de filisteus sem gosto literário.”

“Acho que isso é redundante.”

“Ok, por serem um bando de covardes.”

“Por não desejarem se envolver em batalhas legais por sabe-se lá quanto tempo, e possivelmente terminar com uma multa pesada, ou mesmo na prisão?”

“Mas aí é que está. Faz oito anos desde que a Doubleday lançou *Memórias do condado de Hecate*, seis desde que a Suprema Corte sustentou o decreto da obscenidade. Os costumes estão mudando. Está na hora de um novo teste.”

“E se você estiver enganado? E se os tempos não tiverem mudado tanto quanto você pensa?”

“Tudo bem, também. Não tem como eu perder. Ou fazemos uma grande diferença nas leis de censura, ou vamos acabar sendo invadidos por um bando de detetives incentivados pela Legião Americana. Foi o que aconteceu com a Random House vários anos atrás. Com um livro de poesia. Nem consigo me lembrar do título, mas a poesia nunca vendeu tanto quanto aquela coleção depois que a notícia da batida se espalhou. Mas eu pedi sua opinião sobre o livro, não um conselho legal.”

“É brilhante. Reconheço isso. Mas mesmo que você esqueça as cenas de sexo, os trechos de guerra são bem crus.”

Ele ficou olhando para ela do outro lado da mesa. Ela nunca tinha visto seus olhos tão frios. “Acho que a palavra que você está buscando é ‘honestos’. Mas isso não vai fazer com que seja censurado. A guerra não os ofende. Só o sexo e a luta por justiça social é que mexem com eles.”

“Então, você vai publicá-lo?”

“Pode ter certeza. Eu já estava decidido a publicá-lo de qualquer maneira, mas o seu ‘brilhante’ é o selo de aprovação.” Ele girou a cadeira e começou a deixar a sala. “Agora, volte para aquela carta. Não sei o que

*image  
not  
available*

da *Saturday Evening Post*. Com certeza não era da *Seventeen*. Sendo assim, a pergunta não era onde ele havia sido impresso, mas como Vivi pusera as mãos nele. Charlotte não achava que poderia jogar a culpa em Mr. Rosenblum. Por um momento terrível, pensou que Simone poderia tê-las rastreado e mandado o artigo pelo correio. Mas se fosse esse o caso, teria mandado para Charlotte, e não para Vivi. Simone jamais responsabilizaria a filha pelos pecados da mãe.

Pegou o recorte e começou a ler. O primeiro parágrafo era uma descrição de uma infância privilegiada em Paris, de meninas brincando nos jardins de Luxemburgo em seus adequados casacos azul-marinho com golas de veludo, chapéus de aba com fitas de gorgorão ao redor da copa, e luvas de pelica, tudo da Jones, na Avenida Victor-Hugo. No entanto, apesar do vestuário correto, elas corriam desabaladas, com as tranças voando debaixo daqueles chapéus, botinhas em disparada, ou tão livres quanto podiam sob os olhares atentos de suas severas babás inglesas. A imagem chegou furtivamente até Charlotte, como um bandido à noite, e atingiu-a com força. Ela fez uma ligeira pausa para recuperar o fôlego, e continuou lendo. Algumas das meninas eram chamadas de Bloch, Khan e Weil, outras de Aumont, Goderoy e Lefort. Não obstante, todas brincavam juntas, com os mesmos jogos, a mesma língua, a mesma gloriosa herança francesa, ou pelo menos era o que as meninas chamadas Bloch, Kahn e Weil acreditavam. Mas aquelas meninas com nomes que não eram de fato franceses, as que não iam à missa nem decidiam, por uma ou duas semanas, se tornar freiras, nem se apaixonavam por seus confessores, tinham sido ludibriadas. Não tinham um glorioso passado francês, apenas um futuro sombrio em uma cidade polonesa chamada Oświęcim.

Charlotte passou os olhos pelo restante do artigo. Sabia aonde Simone estava indo. O artigo era um esbravejar contra a desumanidade do homem. Era também um aviso contra os perigos da assimilação. No final da coluna, ela viu a biografia da autora. Simone Bloch Halevy era uma jornalista que dirigia uma rede de informações que tentava reunir judeus deportados com membros sobreviventes de suas famílias, caso existissem.

*image  
not  
available*

até a velha poltrona de couro. Para ela é a poltrona do professor, mas não pode impedi-lo de se sentar ali. Ela nem ao menos tem certeza de querer fazer isso, tendo em vista o fato de que foi ali que ele se sentou ao dar a mamadeira para Vivi. Talvez alguma parte de Vivi se lembre, porque ela sobe em seu colo e se aconchega tranquilamente, com a cabeça junto ao tecido áspero do seu desprezado uniforme. Pode uma criança tão pequena sentir falta de um pai que nunca conheceu?

\*

Naquela noite, ela decide dormir na loja. Começou a fazer isso cada vez com mais frequência. Não é a única. Metade de Paris dorme num lugar impróprio nesses dias. Não tem nada a ver com sexo, apenas com sobrevivência. Quando as batidas começaram, homens judeus começaram a deixar suas famílias pouco antes do toque de recolher, embora isso mude constantemente, para passar a noite em algum outro lugar e assim não estar em casa quando os *gendarmes*, ou, com menos frequência, os alemães viessem prendê-los. Agora que eles também estão levando mulheres e crianças, famílias inteiras se dividem a cada noite e se encaminham para diferentes casas, rezando para que sejam seguras. Às vezes Charlotte reflete sobre a escolha. É preferível sofrer e talvez perecer junto, ou desejar que pelo menos um membro da família sobreviva?

Ela tem seus próprios motivos para dormir no quarto atrás da loja. A roda traseira de sua bicicleta foi remendada tantas vezes que não tem mais conserto. Sem automóveis, nem gasolina, o metrô está lotado e, como os alemães fecham linhas e estações ao acaso – ou por capricho? –, é provável que os trens a deixem com Vivi em algum lugar distante e desconhecido da cidade. O blecaute torna a caminhada traiçoeira. O punhado de automóveis que restou precisa cobrir seus faróis com um material azul tão eficiente que a única maneira de um motorista saber que existe um pedestre por lá é com a batida e o estremecimento da colisão entre carro e corpo. Mesmo que ela pudesse usar uma lanterna para iluminar o caminho, é impossível conseguir pilhas. Além disso, o apartamento não é mais confortável do que a loja, e com certeza não é

*image  
not  
available*

momento para interpretar os sons. Alguém foi empurrado de uma janela, ou pulou.

Outra porta se espatifa. Tão próxima que deve ser a padaria do vizinho. Ela acreditava que eles não se incomodariam com lojas a essa hora. É por isso que eles vêm antes do amanhecer, para pegar as pessoas em casa, mal despertas, ainda sem suas roupas, vulneráveis. Charlotte reafirma a si mesma que uma padaria é diferente. Os funcionários já estarão em suas funções. Pelo clarão do pátio consegue ver seu relógio. São 5 horas. Isso significa que ali são 4 horas. Ela se tornou tão covarde que mantém tanto seu relógio de pulso, quanto o relógio da loja com o horário alemão.

No pátio, o grito agudo de uma criança a faz agarrar Vivi com mais força. Aquilo para de repente. Uma mulher começa a gemer. Novamente, Charlotte interpreta a sequência.

As batidas estão mais perto. Eles estão à porta da livraria. Se ela não abri-la, vão estilhaçar o vidro e forçar a entrada. Agarra Vivi junto a ela. Mais uma vez, sua mente dispara entre as opções. O closet no canto sob o beiral, aquele aquecido pelo cano da fôrnalha é quase imperceptível. Mas quase não é suficiente. Eles o verão. Se ela e Vivi forem encontradas se escondendo, isso significará que têm algo a esconder. Talvez seja melhor cooperar. Abrirá a porta, eles invadirão e pedirão seus documentos, ela mostrará, e eles passarão para o próximo apartamento ou a próxima loja. Mas a coisa não funciona assim. A partir do momento que eles entraram na cidade, anos atrás, ela presenciou sua cota de confrontos e batidas. Viu os efeitos nocivos. Quanto mais eles gritam, oprimem, chutam e golpeiam, mais eles querem. É sede de sangue. Não pode ser impedida, só exaurida.

De repente, as batidas na porta cessam. A gritaria no pátio continua, mas a frente da loja silenciou. Até Vivi parou de chorar e escuta.

Charlotte coloca-a no berço, põe o dedo nos lábios para avisá-la a ficar quieta, e vai novamente de mansinho até a frente da loja. Pelo vidro, vê as costas de um oficial da Wehrmacht e três *gendarmes* de frente para ele. Mesmo sem ver seu rosto, sabe que o oficial é o seu oficial. Não consegue

*image  
not  
available*

tumultuando pelos apartamentos abandonados, levando o que houver de valor e algumas outras coisas. A ganância oportunista não é diferente da sede de sangue. Depois que começam, as pessoas não conseguem parar.

Um carro de polícia aderna pela rua. A sirene está desligada, mas os faróis varrem a loja. Ele a enfia na alcova no fundo da loja, atrás da velha poltrona de couro. É tarde demais para aquele carro, mas se surgir outro, só verão as costas de um uniforme da Wehrmacht.

Eles permanecem assim, ela de costas para as estantes de livros infantis, ele pairando sobre ela, à espera. Depois de um tempo, ela não faz ideia de quanto, Charlotte começa a se afastar dele, mas ele coloca uma mão sobre seu ombro para detê-la.

“Pode haver mais”, diz, mas pela voz ela percebe que ele não está pensando em carros da polícia. Ela sente a aspereza da barba em sua testa, depois sua boca movendo-se para a dela. Diz a si mesma para se afastar, mas não consegue. O aperto na boca de seu estômago é familiar demais, insistente demais. Sente vergonha. É desavergonhada. Não tem vontade, mas seu corpo, sim. É lutar de volta para a vida. Sente-se cedendo e ergue o rosto para o dele. Ele desabotoa o suéter que ela vestira para dormir, depois enfia a mão dentro de sua camisola. Ela consegue reprimir o gemido, mas não tem controle sobre as mãos. Elas abrem sua farda, tiram o odioso uniforme. Charlotte recomeça a tremer. É o terror da noite, o alívio, e o toque de pele. Ah, que falta sentiu do toque de pele! É essa lembrança, a sensação da pele de Laurent, que a faz parar. Ela se desvencilha para longe, sobe a camisola até os seios, aperta o suéter junto a si. Não diz nada. Não precisa.

Ele fica parado, olhando para ela. Apenas seus olhos são visíveis na escuridão. Ela esperava raiva. Vê tristeza.

Ele abotoa o uniforme, puxa-o para ficar em ordem, vira-se e dirige-se para a porta. Suas botas rangem no chão de madeira. Sua sombra caminha como um fantasma na escuridão. Chega à porta. A sineta quebra o silêncio. E algo dentro dela.

Ela está do outro lado da loja. “Julian.” É a primeira vez que diz seu nome.

*image  
not  
available*

“Desisto.”

Ele ficou olhando para ela por um segundo, depois outro. Ela estava começando a se sentir desconfortável. Ele ergueu o copo e terminou-o de um só gole. Mais tarde ela percebeu que aquilo foi para criar coragem. Ele abaixou o copo, agarrou as rodas da cadeira, afastou-se da mesa, girou e deu a volta até ficar ao lado dela.

“Monte aí.”

“O quê?”

“Eu disse monte aí. Vou te levar para uma voltinha.”

“Onde?”

“Bem aqui. Nos corredores sagrados da G&F. Onde a grande literatura não vai ser intimidada por mentes pequenas.”

Ela ficou olhando fixo para ele. “Está falando sério?”, perguntou, por fim.

O rosto dele estava imóvel, só um olhar gélido de desafio, a não ser pela boca. Um tique tão pequeno que era quase imperceptível repuxava de lado. “Para criar um clichê absolutamente novo, nunca falei tão sério na minha vida.”

Ela continuou olhando fixo para ele. O convite era absurdo, mas uma recusa seria um insulto. Como se estivesse com medo dele. Pior ainda, como se achasse sua condição ofensiva. Lembrou-se da conversa entreouvida na escada na noite em que Vivi acendeu a *menorah*. “Você é péssima para esconder aversão”, ele havia gritado para Hannah. Ela se inclinou para a frente, pousou o copo na mesa e se levantou, depois ficou parada por não saber ao certo o que fazer a seguir.

Ele ergueu as mãos e pousou-as em seu quadril. Por anos ela havia sentado em reuniões, do outro lado de mesas, e em outras situações, e notado suas mãos. As palmas eram grandes, os dedos grossos e fortes, por causa de anos impulsionando-o pelo mundo. Não eram graciosas, nem belas, não eram mãos de um pianista nem de um cirurgião, mas eram admiráveis. Também eram curiosamente gentis. Ela o tinha visto quebrar lápis por frustração e lutar com impaciência com aquelas rodas, mas, a não ser uma vez, quando o viu folheando uma valiosa primeira edição de